REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 848

20 DE JULHO DE 1902

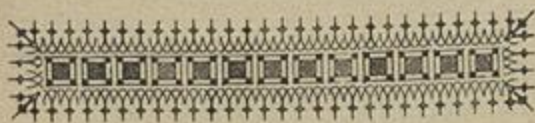
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DR. ALBERTO FIALHO

NOVO MINISTRO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL, EM LISBOA

CHRONICA OCCIDENTAL

A bordo do vapor *Cametense* chegou no dia 11 a Lisboa o cadaver do conselheiro Antonio Brissac Neves Ferreira, fallecido victima d'um antraz, na Ilha da Madeira, onde fôra estudar a cultura da cana de assucar, tencionando depois continuar sua viagem até Angola.

Distincto official de marinha, com notavel capacidade e valentia, desempenhou varias commissões em Africa da maior responsabilidade. Governou o districto de Benguella e o do Congo portuguez e foi governador geral de Moçambique.

Chamado aos conselhos da corôa, tomou conta da pasta da marinha desde fevereiro de 93 até janeiro de 95.

Vivia desde então afastado da politica, cuidando dos seus interesses nas propriedades que possuia na provincia de Angola.

O cadaver desembarcou no arsenal, sendo depois transportado em coche da casa real para o cemiterio, onde lhe foram prestadas todas as honras funebres, orando á beira da sepultura o sr. ministro da marinha.

Conhecedor dos assumptos africanos, porque nas colonias portuguezas vivêra por muito tempo, Neves Ferreira deixou seu nome ligado á historia dos ultimos annos nas nossas possessões, hoje mais do que nunca merecendo a attenção de todos os bons patriotas.

Não são infelizmente boas as noticias que chegam da Africa Occidental.

A revolta do gentio no Bailundo parece ter-se generalisado a toda a região, sendo grande o numero dos sobas accusados de terem promovido e auxiliado o assalto que os negros fizeram a varias casas portuguezas do interior.

Os máus caminhos de Benguella para as regiões revoltadas tornam difficil a applicação do castigo que se prepara.

De Benguella ao Bailundo calculam-se mais de quarenta dias de marcha.

A discripção que alguns europeus fazem dos perigos que atravessaram e da grande crueldade dos negros é deveras commovedora. Mas embora seja grande o numero dos revoltados, como entre elles existem, ha muito, rivalidades, suppõe-se que a expedição que deve chegar da metropole junta com os recursos da provincia, será sufficiente para que tudo entre novamente na ordem.

Assim tem de ser. Diz-se que grande parte da culpa é dos portuguezes que abusavam da sua força explorando em demazia o negro. As causas da revolta devem ser estudadas cuidadosamente para de futuro serem evitadas e para que a Africa se torne motivo para honra nossa como o Brazil o está sendo.

Não podemos aqui deixar de nos referir á excellente conferencia feita pelo dr. Sylvio Romero nas salas do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro sobre o elemento portuguez na colonisação do Brazil.

Acabamos de lel-a. Era sua these a conveniencia de fortalecer no Brazil o elemento portuguez, aquelle que constitue a base do povo brazileiro. Foi o portuguez quem para o vastissimo imperio transplantou a lingua e aformoseou os costumes; representa o que existe de mais selecto em suas tradições, em todos os principios que dirigem e elevam a alma humana, em tudo o que constitue a enrediça e complicada trama social e politica da historia.

Estas palavras do illustre conferente lemol-as com patriotico orgulho, sempre crescente, á medida que elle nos foi dizendo a historia da sua patria e qual o futuro que lhe antevê.

Terminou por se referir á lingua que tão distinctamente maneja, grandiloqua e sonorosa, fazendo votos para que no Brazil tambem seja perpetua, para que nunca desappareça das plagas de Guanabara, nem de toda a immensa e amada terra que vai do Amazonas ao Prata.

Como é consolador ler as linhas vibrantes de enthusiasmo, que um extrangeiro a nosso respeito escreve, e como nos é sempre gratissimo saber a forma porque no Brazil os portuguezes e sua arte são carinhosamente recebidos!

E' de Vianna da Motta e de Moreira de Sá, que ultimamente recebemos noticias. Lemos sobre os dois distinctissimos artistas os mais elogiosos artigos e vimos como foram acolhidos pela população do Rio de Janeiro e já em outras salas de concerto consoante seu relevantissimo merito incontestavel.

O Brazil teve sempre comnosco essa amabilidade, que só lhe deveriamos agradecer, procurando que entre nós fossem seus artistas conhecidos como todos os nossos elle conhece.

Quantos de lá vêm, falam com enthusiasmo da hospitalidade que os commoveu, do apreço em que foram tidos, das muitas e constantes provas de delicadeza que os cercaram, tão longe da patria e mais do que se n'ella continuassem.

Melhor recompensa acham os artistas que falam portuguez n'essa terra tão longe do que na sua propria.

Com Vianna da Motta e Moreira de Sá, lá andam pelo Brazil a esta hora muitos dos nossos artistas dramaticos e todos á uma, sem excepção, quando voltam a Portugal trazem saudades d'esse bocado da nossa patria que deixaram.

Os portuguezes teem este defeito: tarde pagam o que devem. É um defeito historico e parecenos que já sem remedio. Quando sôa a hora da justiça, nem tem ás vezes a certeza de que é aos ossos autenticos do heroe que está prestando essa homenagem. Assim succedeu a Vasco da Gama e a Camões.

Appareceu, ha dias, no *Diario do Governo* o decreto determinando que no dia 3 de maio de 1903 seja trasladado para o Pantheon dos Jeronymos o cadaver de Almeida Garrett.

Aos esforços da Sociedade Litteraria, ha pouco fundada, e cujo presidente, sr. Conde de Valenças, é dos mais enthusiasticos admiradores do auctor do *Frei Luiz de Sousa*, se deve a decisão tomada pelo governo e que era, desde ha muito reclamada por todos aquelles que vêem em Almeida Garrett uma das mais puras glorias da litteratura portugueza.

Aqui, mais d'uma vez, tratámos do assumpto e com mais alguma largueza quando da proposta feita em camaras por um sr. deputado.

Honrar os mais illustres é chamar a attenção sobre a sua obra, é por isso mesmo tornal-a conhecida. Mas a Sociedade Litteraria Almeida Garrett decerto não se contentará com o primeiro triumpho obtido e continuará procurando cum-

prir o seu programma inspirado n'um alto sentimento patriotico.

Em sua conferencia, a que nos referimos n'um dos passados numeros, disse Jayme Batalha Reis que a melhor forma de um paiz se tornar conhecido era por suas manifestações artisticas. Que havemos de pensar d'uma terra que criou e que despresa o que tem de melhor em arte? É por isso obra patriotica tornar dos portuguezes conhecido o que elles tiveram de superior e fazel os á força amar e respeitar o que é digno sobretudo de muito amor, de muito respeito, e o que fôr essencialmente portuguez como toda a obra do grande poeta.

O caminho tem muito que andar, mas ninguem o anda sem um primeiro passo.

Um dos maiores desastres acontecidos á arte em tempos modernos foi sem duvida o desmoronamento da famigerada torre de S. Marcos em Veneza. Ficou uma ruina, o que uma possivel restauração não poderá nunca dar o mesmo enlevado aspecto de sua vetustez, de sua tradição. Ficou uma ruina; mas essa deve conservar sua belleza, seu encanto. Podem mostral-a os venezianos com lagrimas, sem que se envergonhem. Aquellas pedras em monte, aquellas estatuas quebradas, toda a gloria, toda a maravilhosa arte que representavam, continuarão falando á nossa fantasia. O que era maravilha dos olhos mudou-se em fonte de saudades; mas conservou inteira sua poesia. Deu cabo d'ella o tempo, não foi a mão dos homens. Uma catastrophe é que foi; não foi um crime estupido.

Diremos por acaso o mesmo das ruinas que encontramos por essa Lisboa?

Mais uma vez eis-nos aqui falando da mão malevola e profana, que ousou tocar em tanta coisa bella, alindar poemas com mão gosto criminoso, como o que se fez nos Jeronymos, ou despresal-os por completo como o fizeram á torre de Belem. Isso é que doe, isso é que não tem desculpa.

E' entrar n'aquelle museu do Carmo e ver que despreso merece um dos mais bellos monumentos de Lisboa; é ver como a um canto, sem valor que se lhe dê, se puzeram estatuas de Machado de Castro e aquelle encantador S. João Nepomuceno que era da ponte de Alcantara; é olhar para aquellas lindissimas ruinas e ver as obras do quartel, que se lhe encostam. E já a gente não sabe em Lisboa onde possa um instante descançar os olhos, sem uma construcção moderna irritante a offendel-os, sem um sacrilegio de que se nos queixe um edificio velho.

O progresso entrou na cidade, não ha duvida. Commodidades não faltam. Ha dois ou tres dias inaugurou-se o elevador do Carmo e não ha senão dizer bem de quem n'um minuto nos põe no alto do Chiado por um vintem. Fica ali ao pé das ruinas, uma grande torre de ferro, que é tambem gothica... para não desdizer.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. ALBERTO FIALHO

Novo ministro do Brazil em Lisboa

Chegou ha poucos dias a Lisboa o sr. dr. Alberto Fialho, nomeado pelo governo brazileiro, ministro d'aquella republica junto á côrte de Portugal.

O sr. dr. Alberto Fialho é um diplomata distinctissimo, além de um jurisconsulto notavel.

Formou-se em direito na universidade de S. Paulo, seguindo depois a magistratura no Rio de Janeiro, quando os acontecimentos politicos, que mudaram o regimen governativo d'aquelle paiz, o fizeram entrar na carreira diplomatica.

Assim o sr. dr. Alberto Fialho veiu precedido de bons creditos pelas missões desempenhadas na Belgica e nas republicas Argentina, da Bolivia e da França.

Aqui saudamos o novo representante da republica dos Estados Unidos do Brazil, agourando-lhe em Portugal o bom acolhimento de que é digno, não só pelos seus altos merecimentos, mas ainda pela natural sympathia e amisade que unem os dois paizes irmãos.

ASCENSOR SANTA JUSTA-CARMO

Realisou se finalmente, no dia 10 a inauguração official do ascensor Santa Justa-Carmo, que estabelece facil e rapida communicação entre a cidade baixa e o bairro alto vencendo a differença de nivel de cerca de 30 metros, sem demora nem fadiga para as pessoas que queiram utilisar aquelle meio de transporte.

A muitos pareceu arrojada esta obra, ou antes, inexequivel; nós só diremos que é pena tanto esforço e tanta sciencia dispendida para um resultado pratico relativamente mediocre.

O talento de Raul Mesnier, do que já se pode considerar uma gloria da engenheria portugueza, era bem melhor empregado em obra de mais largo folgo, de mais pratica utilidade.

Era-o sem duvida, porque Raul Mesnier tem dado sobejas provas da sua competencia, e ainda mais da sua iniciativa e energia, n'este meio inervante, indolente e, ainda peior do que isso, impecilho, invejoso para quem faz alguma coisa de novo ou exceda os estreitos limites da actividade convencional.

Raul Mesnier excede a craveira d'essa actividade convencional. Ai! quanto lhe terá custado a vencer.

Até parece loucura; mas com estes loucos é que se progride; é que se desenvolve; é que se sae do marasmo, se multiplicam as forças e alarga o trabalho, de que as sociedades precisam para a sua riqueza, para o seu bem estar.

Quanto trabalho, com os seus ascensores, tem promovido Raul Mesnier para a industria nacional e especialmente quanto progresso para a industria metalurgica Porque é de saber, tanto este ascensor como o chamado da Bibliotheca, são productos da industria portugueza e tanto basta para merecerem aplauso, porque são obras prefeitas.

De uma coisa descordamos e é, vermos, n'estas construcções do nosso tempo, aplicar na parte architectonica os estylos de tempos idos, que nada teem de vêr com estes edificios inteiramente modernos na concepção e aspirações que vem satisfazer.

Preferiamos sim, que muito respeitosamente se reservassem esses estylos para os edificios para que foram creados, e onde estão bem, e nunca banalisal-os n'estas construcções que deviam ter estylo proprio, do tempo e do fim a que servem.

O ascensor Santa Justa Carmo é do mesmo systema que o do Municipio Bibliotheca. Todo de ferro, compõe-se de duas torres conjugadas, formando um rectangulo de $3,5 \times 7,5$; o eixo maior d'este rectangulo coincide com o eixo das escadinhas de Santa Justa, e o lado menor parallelo á rua Aurea.

Em cada torre ha uma cabina para transporte de passageiros até 30. Estas cabinas ligam-se entre si por um cabo de fio d'aço de 50mm de grossura. Além d'este cabo ha ainda duas correntes de ferro que são supporte de garantia, tendo o primeiro a resistencia de 113:000 kilos e as segundas 9:000, para aguentar o peso das cabinas e passageiros que não exceda de 6:000 kilos. Para mais segurança ainda ha um freio authomatico para o caso de rebentarem as correntes ou o cabo, o que é pouco provavel.

Imprimem movimento ao ascensor duas machinas de 12 cavallos de força, que podem trabalhar ao mesmo tempo ou alternadamente; bastando só uma para que o ascensor funccione.

Em quanto uma cabina sobe, desce a outra e assim se faz o transporte de passageiros que encontrando-se em cima atravessam um passadiço horizontal, por sobre a rua do Carmo, entrando n'um terraço sobre o predio do sr. conde de Thomar e saem no largo do Carmo.

As torres ainda não estão concluidas, por lhes faltar as cupulas e miranetes, assim como outras instalações para goso dos passageiros que ali queiram demorar-se a desfructar o bello panorama da parte oriental da cidade vista d'aquellas alturas.

CENTENARIO DE ALEXANDRE DUMAS

Acaba a França de celebrar o centenario de Alexandre Dumas, pae, aquelle que Emilio Castelar chamava Alexandre Dumas, o grande.

Nenhum romancista do seu tempo obteve maior celebridade que o auctor dos *Tres Mosqueteiros, Vinte annos depois, Visconde de Bragelonne*, tres magnificos romances formando um unico poema, no qual se passam em revista os mais curiosos trechos da historia de França. Seus romances historicos constituem a sua grande gloria, mas outros escreveu, como *O Conde de Monte-Christo*, cheios de fantasia e que o mundo inteiro conheceu.

Estreou-se pela litteratura theatral, com o dramalhão *Henrique III e a sua Côrte*, que tão notavelmente foi, ainda ha poucos annos, de novo posto em scena no theatro francez. Não era entretanto exemplo para seguir como o fizeram com muita despeza e pouco exito os emprezarios de D. Maria. O Dumas do theatro é o filho, aquelle que não mostrava ao pae *A Dama das Camelias* porque, dizia elle: — «O papá não entende nada nada d'isto.»

Effectivamente não ha dois talentos menos comparaveis que o do pae e o do filho.

Alexandre Dumas pae tinha sobretudo qualidades de fantasia. Filho do general Dumas, corria-lhe nas veias, por sua mãe, sangue de negro. Era enorme e escuro, com uma emmaranhada carapinha, que se tornou celebre.

Excellente pessoa, muito generoso, ganhou fortunas e com a mesma facilidade as desbaratou.

Foi notabilissimo o seu espirito. Uma anecdota basta para demonstral-o.

Uma actriz celebre e de costumes duvidosos convidou-o um dia e á filha para uma soirée em sua casa.

Dumas appareceu sósinho. Diz-lhe a actriz:

—Só! Porque não trouxe sua filha?

—Por duas razões, respondeu elle sem se atrapalhar. A segunda é porque está constipada.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 846)

Andrea Chénier, de Giordano, em 3 de janeiro de 1902, 5.ª recita de assignatura extraordinaria, por Carelli, Maria Grassé, Clorinda Pini Corsi, Giussani, Borgatti (e depois Zenatello), Menotti, Ciccolini, Pasti, Maini, Antonio Pini Corsi, Francalancia.

Pagliacci, de Leoncavallo, em 11 de janeiro, 6.ª recita de assignatura extraordinaria, por Corti, Borgatti, Rebonato, Macknez, Costa.

Cavalleria rusticana, de Mascagni, em 11 de janeiro, 6.ª recita de assignatura extraordinaria, por Carelli, Grassé, (e depois Belloni), Giussani, Anselmi, Ferruccio Corradetti.

Il Barbiere di Siviglia, de Rossini, em 15 de janeiro, 7.ª recita de assignatura extraordinaria, em que cantaram Regina Pacini, Giussani, Anselmi, Rebonato, Luppi, (e depois Ciccolini), Cellini, Pini Corsi (e depois Pasti), Francalancia. Na scena da lição cantou Pacini *variações* de Proch, e valsa da opera *Dinorah*; e no final da opera cantou a valsa *Lezione*, de Gosgheggi. Regina Pacini teve n'essa noite muitos applausos e dadivas.

I maestri cantori di Norimberga (Die Meistersinger von Nurnberg), de Wagner, em 21 de janeiro, 8.ª recita de assignatura extraordinaria, por Strakosch, Marchesini, Borgatti, (e depois Zenatello), Menotti, Luppi, Macknez, Corradetti, Ciccolini, Cellini, Maini, Pasti, Ganelli, Lorenzana, Ferrari, Pini Corsi, Francalancia.

Werther, de Massenet, em 29 de janeiro, 10.ª recita de assignatura extraordinaria, por Corti (e depois Marchesini) Minotti, Giussani, Edmond Clément, Corradetti, Cellini, (e depois Maini), Pasti, Francalancia.

I Puritani, de Bellini em 7 de fevereiro, 12.ª recita de assignatura extraordinaria, por Pacini, Giussani, Alessandro Bonci, Pini Corsi, Luppi, Francalancia, Cellini.

Saffo, de Massenet, em 8 de fevereiro, 13.ª recita de assignatura extraordinaria, por Gemma Bellincioni, Minotti, Belloni, Clément, Costa, Pasti, Maini, Francalancia.

La figlia del reggimento, de Donizetti, em 11 de fevereiro, terça feira de entrudo, recita extraordinaria fóra de assignatura, por Bellincioni, Clorinda Pini Corsi, Antonio Pini Corsi, Maini, Pasti, Francalancia, Ganelli.

L'elisire d'amore, de Donizetti, em 19 de fevereiro, 14.ª recita de assignatura extraordinaria, por Pacini, Giussani, Bonci, Pini Corsi, Menotti. No fim da opera cantou Pacini a valsa da opera *Mireille* de Gounod.

D. Giovanni, de Mozart, em 24 de fevereiro, 15.ª recita de assignatura extraordinaria, por Strakosch, Pacini, Minotti, Anselmi, Gioseppe Kaschmann, Pini Corsi, Corradetti, Ciccolini.

Lucia di Lammermoor, de Donizetti, em 5 de março, 19.ª recita de assignatura extraordinaria, por Pacini, Giussani, Anselmi, Kaschmann, Ciccolini, Macknez, Cellini.

Ero e Leandro, de Luigi Mancinelli, em 8 de março, 20.ª recita de assignatura extraordinaria, por Stehle, Marchesini, Anselmi, Luppi, Ciccolini.

La Sonnambula, de Bellini, em 18 de março, 22.ª recita de assignatura extraordinaria, por Pacini, Minotti, Giussani, Anselmi, Ciccolini, Macknez, Francalancia.

Houve seis concertos em *matinées*, que se realizaram nos seguintes dias com os trechos e peças adiante indicadas:

1.º Concerto em 16 de fevereiro de 1902; executou-se a *missa de requiem* de Verdi, por Strakosch, Marchesini, Anselmi, Luppi; foi augmentada a orchestra e os côros.

2.º em 23 de fevereiro; idem.

3.º em 2 de março; executou-se: o *Stabat mater*, de Rossini, por Strakosch, Marchesini, Clément, Ciccolini; a *abertura* da opera *Guglielmo Tell*, de Rossini, a de *Cleopatra*, de Mancinelli, e a *Suite antica*, para instrumentos de corda, de Villanis, e a *Rapsodia hungara*, de Liszt.

4.º em 9 de março; foi o mesmo que no anterior, excepto a *Suite* de Villanis.

5.º em 16 de março; constou das seguintes peças: aberturas de *Guglielmo Tell*, de Rossini, *Cleopatra*, de Mancinelli, *Vespri siciliani* de Verdi, *Tannhaüser*, de Wagner; *Rapsodia hungara*, de Liszt; *Suite*, do drama *Peer Gint* de Ibsen, de Grieg, *Le déluge*, de Saint-Saëns; *Le songe d'une nuit d'été* de Mendelsohn, e o concerto solo, de Max Bruck, pelo violinista Gino Nastrucci.

6.º em 19 de março; foi o mesmo que o anterior, com excepção do concerto de violino, que foi substituido pelo preludio do 1.º acto da opera *Lohengrin*, de Wagner.

Os preços nesta epocha de 1901-1902 foram os seguintes:

Assignatura ordinaria de 50 recitas.

Frizas	cada recita	12$000
1.ª ordem	» »	14$000
2.ª »	» »	9$000
3.ª »	» »	6$000
Torrinhas	» »	4$000
Plateia	» »	1$000

Assignatura extraordinaria de 24 recitas.
Para os assignantes das recitas ordinarias.

Frizas	cada recita	15$000
1.ª ordem	» »	17$000
2.ª »	» »	10$000
3.ª »	» »	8$000
Torrinhas	» »	5$000
Plateia	» »	1$500

Para os assignantes só das recitas extraordinarias.

Frizas	cada recita	17$000
1.ª ordem	» »	21$000
2.ª »	» »	12$000
3.ª »	» »	9$000
Torrinhas	» »	6$000
Plateia	» »	2$000

Preços avulsos.

Frizas	18$000
1.ª ordem	22$000
2.ª »	13$000
3.ª »	9$500
Torinhas	6$500
Plateia	2$000
Varandas e entrada no theatro	600

Assignatura de seis concertos.

Frizas	por seis concertos	60$000
1.ª ordem	» » »	72$000
2.ª »	» » »	36$000
3.ª »	» » »	30$000
Torrinhas	» » »	24$000
Plateia	» » »	6$000

Preços avulsos de cada concerto.

Frizas	12$000
1.ª ordem	14$000
2.ª »	7$000
3.ª »	6$000
Torrinhas	5$000
Plateia	1$200

Em 11 de fevereiro de 1902, terça feira de entrudo, deu-se no theatro de S. Carlos a opera *Figlia del reggimento*, de Donizetti; depois houve baile de mascaras. A scena do fundo da sala de baile representava o palacio real e matta de Queluz, pintura de Rovescalli. Dirigiu a banda do baile o maestro José Rodrigues.

O que se passou no Real Theatro de S. Carlos de Lisboa, no carnaval de 1902, e na noite da recita que devia seguir-se, merece uma descripção mais detalhada.

A maior parte dos jornaes havia noticiado que, o governador civil, Dr. Pereira da Cunha, prohibia, a pedido da empreza, que houvesse no theatro de S. Carlos, durante o carnaval, o infernal charivari do costume, acompanhando a noticia de grandes elogios á auctoridade e á empreza, pelo bello espectaculo promettido para terça feira gorda. Pois a representação foi das mais reles, e o que se passou excedeu tudo quanto, no genero mau gosto, se tinha até então dado no theatro de S. Carlos.

Começou o charivari na segunda feira gorda; deu-se a opera *Bohème*, de Puccini, toda estropiada; não só o publico gritou, ladrou, tocou gaitinhas, e fez grande alarido, como tambem, no palco scenico, os artistas representaram, de troça e mangação burlesca, dando trambulhões e pontapés; e na orchestra os musicos desafinaram, tocaram o fado e outros trechos *ad libitum*; um dos espectadores janotas tirou a batuta ao maestro Perosio, regeu em seu logar o charivari orchestral, etc., etc. Tudo isto porem era nada comparado com o que se passou na noite seguinte.

A recita de 11 de fevereiro, terça feira de entrudo de 1902, foi uma das mais vergonhosas que tem havido no theatro de S. Carlos; a começar pelo espectaculo que se reduziu aos dois actos da *Figlia del reggimento*, pequena opera comica de Donizetti, cantada, (exceptuando Bellincioni) só por segundas figuras!

E' verdade que para a sociedade, de alto cothurno, que assistia a esta recita, ainda o espectaculo era bom de mais. Alem do costumado charivari carnavalesco, o que o publico, especialmente da 1.ª ordem de camarotes, praticou n'esta noite é inaudito; no genero porcaria foi um cumulo; os instinctos bestiaes, e immundos, da humanidade, achando uma aberta naquella medonha saturnal de porcaria e brutalidade, irromperam com impeto; e, como é costume nas multidões, em casos semelhantes, a loucura de alguns communicando-se ao maior numero, travou-se e desenvolveu-se uma renhida batalha.

Os espectadores do *high-life*, homens e senhoras; diplomatas, pares do reino, titulares, altas damas da côrte, divertiram-se, nesta noite, a emporcalhar-se mutuamente, com pós, bisnagas, cal, gesso, chumbo e varias porcarias sem nome! e juntamente, com tão aristocraticos projectis, arremessavam pasteis, croquettes, e outras eguarias, que melhor fôra dellas fazer dadiva a alguns pobres famintos; e tudo isto apesar das prohibições do governador civil, que, no seu camarote, assistiu a parte deste edificante espectaculo!

A concorrencia do publico na plateia foi muito menor no carnaval d'este anno do que costumava ser; o que não admira pois os preços de 2$000 réis para a recita da opera e 1$500 réis para o baile eram muito elevados; e o espectaculo insignificante; além disso não era permittido a um espectador levar comsigo nenhum mascarado sem que este tambem pagasse, de modo que, na maior parte, os mascarados foram, com bilhetes gratis offerecidos, para o visinho theatro de D. Amelia; resultando que poucas mascaras appareceram em S. Carlos.

Outra noite memoravel, mas esta toda em honra e louvor do publico, foi a de quinta feira 13 de fevereiro de 1902, para a qual estava annunciada, em 34.ª recita de assignatura ordinaria, a opera I *Puritani*, de Bellini.

Os espectadores da plateia ao chegarem aos seus logares, achando-os sujos e immundos, começaram a dar pateada, a qual tomou proporções colossaes, como raras vezes se tem visto no theatro de S. Carlos, pela unanimidade, força e duração, recrudescendo ainda quando chegou o governador civil, com vozearia formidavel contra a empreza, contra as auctoridades, e contra os auctores do charivari e das porcarias de terça feira gorda.

Durou esta imponente manifestação perto de uma hora, não deixando começar o espectaculo; até que, afinal, veiu ao palco um empregado da empreza declarar, que, por ordem superior, não havia espectaculo, retirando-se então todos os espectadores. Procedendo se á grande limpeza, que se tornava necessaria, e que o publico exigia, só poude verificar-se esta recita na noite de 15 do mesmo mez.

Em 28 de fevereiro, em 18.ª recita de assignatura extraordinaria, despedida de Gemma Bellincioni, deu-se a opera *Tosca*, de Puccini. No fim cantou Bellincioni varias canções. Teve muitos applausos, corôas e *bouquets*.

(Continúa). *F. da Fonseca Benevides.*

GUERRA E PAZ

(Concluido do n.º 846)

É certo porém que a paz de que então gosava o imperio romano não era uma paz solida e perduravel á sombra da qual as forças vivas fossem applicadas a emprehendimentos estranhos totalmente a espirito bellico; mas fôra um intervalo feliz suscitado pelas circumstancias e que ficaria constituindo marco authentico de separação entre as guerras do passado e as guerras que iam atear-se brevemente.

Havia comtudo n'esta epoca uma differença grandissima de superioridade ethica: é que a symphonia divinal que soára aos ouvidos dos pastores de Bethlem iniciava a humanidade na nova existencia de progresso verdadeiro que Jesus lhe insuflaria pela sublimidade de sua doutrina.

Acabava de cahir um veu admiravel de espessura sobre os quadros de colossal brutalidade em que jazia submersa a antiguidade remota, e embora o futuro devesse patentear nas perseguições exemplos crueis de indole ferina havia de congregar carrascos e martyres em torno de sua haste a Cruz de braços abertos aos quatro ventos, tal como o sol esplendido na amplidão immensa.

E' por isso que sempre que se me deparam systemas sociologicos e theorias bem engenhadas aparentemente penalisa-me ver perdido um tempo que não pode retroceder em cogitações tão desnecessarias quanto omissas de fundamento.

A mais alta philosophia social, aquella que despedaçou os grilhões que arroxeavam os pulsos do escravo e investiu a mulher em seu legitimo papel ao lado do esposo é a que está contida no Evangelho.

«Amae-vos uns aos outros»— eis a sciencia certa onde buscar a paz!

Este preceito simples, bella herança do Crucificado, poderá um dia pelo ministerio de missionarios levar-se até os ultimos confins do planeta reduzido a uma só fé e apagar inimizades que dividem povos, abaixar barreiras que isolam nações, transformar os soldados de todos os exercitos, machinas automatas de destruição, em honrados chefes de familia e em obreiros austeros do progresso livre.

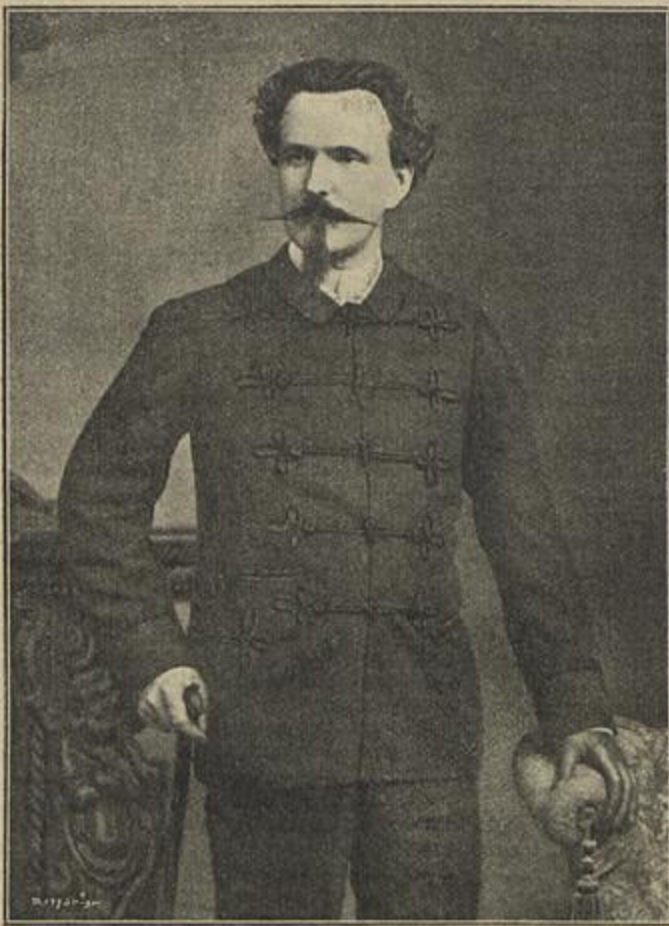
Ainda hão de convencer-se os Ovven, os Babœuf, os Saint Simon, os Fourier actualissimos da estulticia de suas aspirações e da inepcia de suas idéas bem como fôram convencidos d'isso o Systema de cooperação mutua e de communidade de bens, a Republica dos eguaes, a Religião sansimoniana, o Phalansterio, utopias d'aquelles.

Não ouso todavia soltar anathema sobre ninguem: na impossibilidade de discriminar as intenções rectas e as más parece-me preferivel dizer com Leroy traduzindo o pensamento profundo do fallecido hespanhol Donoso Cortez: «L'homme se meut, mais Dieu seul sait pourquoi il se meut, parce que jamais il ne se meut que pour accomplir ses desseins.»

Ha um facto na historia deveras significativo e a todos os respeitos digno e interessante para occupar nossas attenções — a *Tregua de Deus*.

«Como não era possivel, lê-se no historiador italiano Cesar Cantu, deferir aos senhores o direito que elles consideravam mais precioso, o de fazer a guerra particular, a Egreja procurou darlhe remedio, segundo o espirito do tempo. Já vimos que o direito de asylo nos logares sagrados era reconhecido pela auctoridade secular.

Em muitas partes havia, annexa ás egrejas, uma sala de refugio; junto do altar via-se a pedra de paz, sobre a qual se assentava o criminoso; no exterior das paredes da egreja havia pregadas argolas, e estava salvo todo aquelle que se segurava a alguma d'ellas. O concilio de Clermont declarou que todo aquelle que se refugiasse ao pé da cruz devia gosar da paz da Egreja, determinando que, se alguem fosse arrancado pela força do logar santo, se fechasse o templo e cessassem as ceremonias sagradas até que fosse reintegrado.

«Durante o tempo da peste que assolou a Aquitania (1031), algumas pessoas piedosas andaram dizendo que Deus ordenava pelas suas boccas que se désse treguas ás vinganças e ás guerras particulares, desde a quarta feira á noite até á segunda feira seguinte. Foi adoptado este remedio extraordinario para um mal extraordinario; os senhores seculares e a Egreja, proclamaram as *treguas de Deus* com indulgencias para aquelles que as observassem, e penas religiosas e temporaes para aquelles que ás violassem. Estendeu-se a todo o tempo que medeia entre o Advento e a Epiphania, assim como ao tempo entre a Septuagesima e a oitava da Paschoa. As treguas deviam ser perpetuas para os sacerdotes, monges, irmãos

RAUL MESNIER — Engenheiro auctor do projecto do ascensor Santa Justa-Carmo

meio de crescer em bem-estar que o livre exercicio de actividades pessoaes, que o respeito do direito inherente a cada individuo de trabalhar, de amontoar, de adquirir, de augmentar cada vez mais a somma de bens de que dispõe.»

E' certo muitos factos de difficil apreciação sociologica haverem dado ázo e fundamento á seguinte phrase verdadeira de Louis Veuillot: «O que hontem ninguem queria, hoje todos querem ou, sem o querer, cada qual pratica-o»; mas, sem embargo de todas as affirmações philosophicas e dos aspectos e modos que revestem os phenomenos historicos, corroborando previsões e filiando circumstancias, a lei do progresso que regula a existencia dos povos e transmitte pleno vigor ás aspirações legitimas do bem e aos justos desejos de liberdade abre caminho atravez todos os obstaculos e faz-se luz no seio das oppressões maximas.

O arabe amante de seus desertos e idolatra de sua independencia soube resistir na antiguidade ás tentativas de ambiciosos não acceitando jugo de ninguem conforme ainda hoje lhe succede.

Menos felizes ou menos nobremente altivos que os descendentes de Ismael outros povos foram empolgados por dominadores civilisados, de politica á maneira de icosaedro.

E' commodo poder justificar vinte faces como corpo solido de uma espada e arrostar com a força as velleidades de vencidos, mas não ha gume que entorpeça a voz da justiça nem bellico apparato capaz de inutilisar a methaphysica da razão. O tempo não pára em sua marcha ovante e a idéa inicial de conquistas grandiosas para emancipação das gentes logra sempre sua hora de triumpho solemne e definitivo.

E' rasoavel que assim seja: se assim não fôra, nenhuma causa sufficiente explicaria jamais o berço do homem e o final destino das gerações.

A lucta é tambem consequencia logica de abusos graves e de falta de cumprimento de deveres: quaesquer que sejam n'esta hypothese os seus resultados funestos não é licito negar desculpa ao aggressor do egoista e acquiescencia ao defensor do opprimido.

«Bastará, perguntava Molinari, conforme imaginam os ingenuos apostolos da paz recommendar a pratica da arbitragem, ou antes, aperfeiçoar o direito das gentes para supprimir a guerra?»

Napoleão III affirmara no memoravel discurso pronunciado em Bordeus: «*o imperio é a paz*» e para logo desmentiu suas proprias palavras!

Cumpre não pôr em duvida que leviandades criminosas e effeitos naturaes de fraudes insanaveis muitas vezes desfiguram a virtude generica das acções humanas e tornam hyperbolico o motivo certo das coisas, mas nenhum segredo occultará nunca inteiramente a fonte de onde promana a essencia dos factos occorridos e a origem real dos descontentamentos.

E tudo isto constitue um estimulante energico, animando até os proprios pusilanimes a insurgir-se e a reagir contra extorsões de violencia e artimanhas de perfidia.

conversos, peregrinos, cultivadores, animaes de trabalho e as sementes lançadas á terra.

«Aquelles que não eram protegidos por nenhuma lei nem força humana saiam n'estes dias dos seus esconderijos, e regressavam para as suas familias; sob a protecção da Egreja continuavam as suas viagens e os seus trabalhos, e nem o orgulhoso barão, nem um rival encarniçado se atrevia a pôr mão n'aquelle que era protegido pela tregua de Deus.»

Que pagina eloquentissima para lição de innovadores!

Diga o mais abalisado de todos elles em que ponto do orbe terraqueo, fóra de acção da Egreja Catholica, depositaria inabalavel da palavra de Christo, encontrou documento mais claro de sentimento de familia e viu espectaculo mais brilhante de fraternidade universal.

O silencio n'este caso é conselheiro respeitavel e inventar seria loucura: se queremos a paz devemos compenetrar-nos da concisão do Mestre no preceito superior ás melhores conclusões da obra de philosophos profanos:

«Amae-vos uns aos outros.» E' natural e forçoso que diante d'esta maxima iriada de luz purissima como a verdade axiomatica se curvem egualmente ricos e pobres, fidalgos e plebeus, sabios e ignorantes, politicos e particulares «O anjo exterminador, escreveu Joseph de Maistre ha já longos annos, gira como o sol em volta d'este desgraçado globo e não deixa respirar uma nação senão para fulminar outras.»

Ha logica no dito do publicista citado attendendo aos factos, mas importa vencer o anjo do exterminio e da guerra alimentando a alma no horror ao fratricidio e ajustando o coração cada vez mais ao mandamento de Jesus.

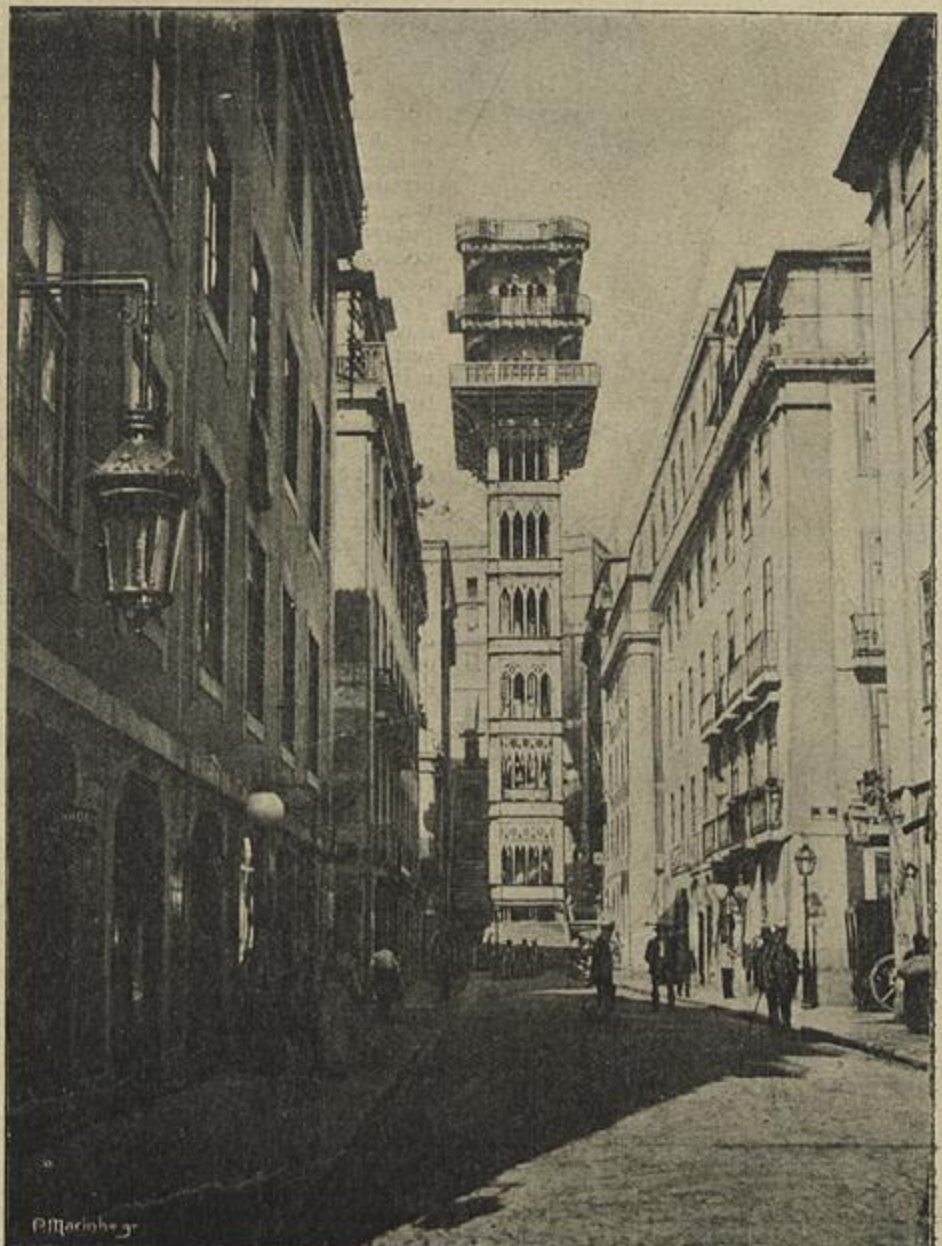
Só por este modo volverão as sociedades á pureza primitiva e só assim alvorecerá sobre a terra o dia interminavel da paz perpetua!

«Um bom conselho, dizia Euripides, vale mais que um poderoso exercito.»

«E' a cabeça e não o braço, lia-se em uma das tragedias de Sophocles, quem governa tudo entre os mortaes.»

«E' pouco ter bons exercitos no exterior, proclamava Cicero, se não ha um bom conselho interno».

Existe alguma coisa na personalidade humana que será sempre sobranceira ao despotismo autocrata como á demagogia enthronisada, é a consciencia do direito.

«E' preciso aguardar: escreveu H. Passy, virá tempo em que mais esclarecidos todos os elementos da população reconhecerão que para cada um de entre elles como para a communidade inteira não ha outra fonte de prosperidades, outro

ASCENSOR SANTA JUSTA-CARMO — Inaugurado em 10 do corrente

Centenario de Alexandre Dumas (Pae)

MONUMENTO A ALEXANDRE DUMAS, EM PARIS

Toda a brandura de caracter e todo o calculo prudente não bastam a contêr em respeito paixões escandescentes provocadas por prepotencias escandalosas de protervia.

E, de resto, não deve causar assombro grandíssimo que seja de applicação sensata na vida intima dos povos aquella regra de grammatica que ensina a dar a resposta pelo mesmo caso que é feita a pergunta.

Ninguem cuide achar-se por ser mais forte em posse de direitos offensivos de dignidade alheia e immune de pena de talião.

Esta verdade resulta incontestavel da interpretação sisuda dos factos da historia e das leis formaes do pensamento; e se contra factos não ha argumentos ainda menos haverá sophismas que apaguem a luz da evidencia.

Desde o momento em que se obliteram as no-

ções de mera civilidade que devem existir não só de homem para homem, mas tambem de povo para povo, embora avulte de um lado o grau superior de cultura e de policiamento e de outro se permaneça em estado de inferioridade grosseira ou mesmo selvagem, assume-se directamente a responsabilidade de provaveis complicações futuras e dos desastres consequentes que redundam de ordinario em proveito do mais victimado, pois se nem sempre é alcançada victoria material é raro não conseguir estabelecer-se na opinião publica uma corrente lisongeira de sympathias a quem tem jus de merecel-as.

Subjugar vontades e absorver territorios com despreso absoluto de todos os principios de direito, dos quaes, aliás, nem por sombras se quer prescindir em casa propria, sobre ser necedade vilipendiosa acarreta além d'isso indicio de espirito caviloso e desleal.

Todos os membros da familia humana se acham intrinsecamente ligados por laços communs de animalidade e por preceitos bilateraes indeclinaveis, e o que não pode alterar-se no mundo physico, e o que está invencivelmente adstricto á accepção philosophica e moral na esphera do entendimento, é fóra de mão a vaidades caprichosas, paira inviolavel em regiões serenas de certeza mathematica.

Quem se deixa enlevar por sonhos de poderio dilatado e por visões seductoras de venturas perduraveis e ao mesmo tempo fica surdo aos conselhos da experiencia e as advertencias do bom senso, não acreditando na força irresistivel de evolução nas sociedades e não pensando em adoptar na direcção de seus negocios e no governo de suas coisas um regimen antes affectivo que auctoritario prepara nesciamente um abysmo vulcanico e despenha-se por ultimo na miseria do isolamento.

Ao menos que semelhantes lições, quando ellas se produzem, sirvam de ensinamento aos povos e de aviso salutar aos que se julgam estadistas de alto cothurno.

Não ha dois breviarios egualmente aproveitaveis para um identico fim; ha só uma verdade na historia e só uma solução pratica na ethica do direito: a Justiça!

Isolado o ser humano equivale á fugacidade de um meteoro: com a consciencia de seu Deus formúla os theoremas mathematicos, funda as sciencias naturaes, solidifica a sua propria prosapia benemerente e coopera para a Paz cujo hymno entôa.

A Paz ha de um dia banhar nas ondas luminosas de sua realidade plenissima este planeta habitado por seres dotados de intelligencia sagaz e penetrante.

Então, uma unica bandeira de fraternidade universal, desfraldada a todos os ventos do espaço abrigará por egual todos os povos da terra e aquecerá no mesmo enleio de amor todos os corações e todas as esperanças.

D. Francisco de Noronha.

COIMBRA ALEGRE

As recentes festas da Rainha Santa, tão cheias de poeticas tradições, mais uma vez patentearam ao espirito observador do forasteiro encantado algumas das nossas antigas usanças festivas onde, apesar das modificações e modernices que as estragam e deturpam, transluzem ainda, na sua poesia primitiva, os vestigios das velhas folias portuguezas, dos tradicionaes dansares que tão loucamente enamoravam o genio singular do apaixonado amante de Ignez de Castro.

Refiro-me ás dansas e descantes, em que diversos ranchos de raparigas, tricanas ou cachopas da cidade, e de rapazes artifices ostentam sobre tablados armados nas ruas e nas praças os caracteristicos bailados, alegres, scintillantes de graça, e de harmonia, entoando canções, estribilhos e cantigas. São, numa palavra consagrada, as antigas *fogueiras* que constituem o velho uso tradicional nos festejos populares da formosa cidade do Mondego.

Pelo S. João e S. Pedro a mocidade do velho burgo universitario, dansa estes bailes, em folgasã alegria, em roda de uns fachos ou pequenas fogueiras que allumiam o quadro. Nos festejos da Rainha Santa, padroeira de Coimbra, reapparecem estas folias tão pittorescas, perante um publico selecto, que corre pressuroso a presenciar estes ultimos lampejos dos tradicionaes e saudosos folgares do antigo Portugal.

Armam-se os estrados ou pavilhões nas praças. Um dos locaes predilectos é, por singular coincidencia, o do antigo pateo da Inquisição de Coimbra. Alli, no logar onde o fanatismo e a intolerancia feroz victimaram tantos infelizes, fazendo-os padecer morte horrorosa entre as chammas das odiosas fogueiras do Santo Officio, invocando o nome dulcissimo de Christo, alli mesmo rodopiam agora os pares das festivas *fogueiras* populares, entre a sonora fricção dos arcos nos violinos e os risos e palmas dos assistentes.

Em cima, no improvisado palco, especie de largo coreto decorado e illuminado, vêem-se as figuras do rancho no qual infelizmente não brilha já o garrido trajo da tricana; a um lado a pequena orchestra de violinos e instrumentos de corda, violas e guitarras, que são os instrumentos predilectos dos descantes de Coimbra e das serenatas do Mondego. Por vezes addicionam-lhes a flauta e o violão. Em baixo, na vasta quadra, em grosseiros bancos e taboas, apinha-se uma multidão cerrada, onde se distinguem os formosos rostos das senhoras conimbricenses, e as capas negras dos academicos.

Esta multidão é agitada toda por um fremito de alegria; na população da antiquissima cidade do Mondego nota-se um espirito alegre, ligeiro, travesso, folião. Parece que a longa convivencia de ha seculos estabelecida, na antiga capital medieva, com a mocidade das escholas, jovial, descuidosa, cheia de espirito, imprimiu na população o mesmo feitio galhofeiro, o amor pelo folguedo, o gosto pelas dansas e bailes populares, ora repassados de uma cadencia dolente de gemebundos harpejos, ora retinindo no estalar dos dedos e em sapateados da mais hilariante folia.

Nada mais differente dos descantes com que a populaça da capital festeja as noites de Santo Antonio e S. João. Aqui as pretenções da gente da cidade abandonaram por completo taes folguedos ás classes infimas da sociedade, por via de regra incultas, mais ou menos desbragadas na forma, cercadas de um publico baixo, ignaro.

Alli, porém, os cantores e dansarinos apresentam-se bem vestidos, dansam a preceito os populares balhos, as dansas de roda, entoam melodicamente as alegres ou dolentes cantigas, cuja lettra, umas vezes perfeitamente popular, é mui frequentemente devida á inspiração culta dos poetas, quer elles enverguem a blusa do artifice ou a batina de estudante.

Todos os annos apparecem novas canções; apontam-se os auctores mais queridos d'esses sentidos versos ou graciosas endechas. Umas alludem á cidade, á vida de Coimbra, ao seu formoso Mondego; outras cantam o amor; todas ellas são verdadeiras joias da poesia popular, singela e tocante. São pouco conhecidas no sul estas cantigas e por isso julgamos curioso estampar algumas nesta revista, como interessantes modelos para os estudos da poesia popular portugueza. As musicas que as acompanham são tambem precioso specimen da musica popular. Com as canções variam as dansas, em que as cachopas ostentam dengoso donaire. Vejamos as canções, onde predomina o lyrismo meridional:

NOITES DE LUAR

Luz do luar feiticeira,
encanto dos namorados,
doce, brilhante, fagueira,
é farol de apaixonados.
Nossas canções
Luarisadas,
São como beijos
de namoradas.
Embriagantes,
cheias de uncção,
dizem desejos
do coração.

(1900)

MARQUESITA

Voz — Nas azas do nosso canto
vôa nosso coração
que ama este delirio santo
das noites de S. João.

Côro — Cantemos, pois, raparigas
cantemos todas a par,
para que as nossas cantigas
morram unidas no ar!

(1900)

PRECIOSA

Voz — E' uma noite bemdita,
noite de lindo condão,
lembram risos e segredos
na noite de S. João.

Côro — Cantemos todos em coro,
de S. João os louvores,
amigo da mocidade,
padroeiro dos amores.

As amarguras da vida,
as penas do coração,
tem allivio e consolo
nas noites de S. João.

(1900)

SUSPIROS

Voz — Nossas vozes vão-se ouvindo,
em maviosos cantares,
com ellas vão os suspiros
dos nossos queridos pares.

Côro — Suspiros vem,
suspiros vão,
tanto suspiro
p'lo S. João.

A suspirar todas vimos,
com suspiros de ternura;
as saudades que sentimos
vão-se em beijos de ventura.

(1900)

A DESPEDIDA

Adeus largo das Ameias
cheio de magia e encanto
tens ao centro duas fontes
uma riso, outra pranto.

Vamos pedir a Deus
na noite de S. João
para ver se se reunem
os amores ao coração.

(1900)

ÁS DAMAS

Voz — Vinde ao largo das Ameias
ouvir cantar's infantis,
nesta noite luarenta
oh bellas damas gentis.

Côro — Ouvir canções populares
na noite de S. João,
para ver se se animam
aos amores, o coração.

(1900)

OS BEIJOS

Em noites calmas de estio
os nossos corações dourados
doidos de amor e de brio
ao lado dos namorados,

caminham sem ter parança
como bando d'alegres aves
na roda da nossa dança
soltando canções suaves.

Nas canções de S. João
ha perfumes qu'endoidecem
nellas vivem d'illusões
os corações que padecem.

Toca a dançar sem cançassos
vá de roda sem fadigas,
nada prende como abraços
e beijos das raparigas.

(1900)

*
* *

Voz — Junto ás margens do Mondego,
onde reina o rio do amor,
está um barquito em socego
onde dorme a minha dor.

Côro — Laranja da China,
o sabor que tem!
Eu gosto de dançar
com quem dança bem.

Com quem dança bem
oh meu bem, meu bem!
Laranja da China
o sabor que tem!

De feição litteraria, mas bordadas sobre o mesmo thema do sentimento popular veem as cantigas dos estudantes, como as da folha volante, editada pela Havaneza Academica, sob o titulo de *Cantares para as fogueiras por estudantes de Coimbra ás raparigas.*

Collaboram os estudantes Carlos Amaro, João de Barros, João de Deus Ramos, João Lucio, Ladislau Patricio e Vicente Arnoso.

De Ladislau Patricio transcreveremos as engraçadas e finissimas quadras que seguem:

Qual onda que cresce e encurta,
Pedindo á praia que a afague,
Um beijo, quando se furta,
Pede outro beijo que o pague...

Guitarras, gemendo, trinam;
Soluçam os violões;
Se as cordas se desafinam,
Afinam-se os corações...

Os sonhos que tu me bordas,
Hão-de matar-me e matar-te,
Que a ventura é como as cordas,
Subindo-se muito — parte!

As almas das noivas são
Pombinhas feitas d'Aurora,
Vão todas comer o grão
A's mãos de Nossa Senhora!

Sobre a casa onde ella móra,
O' lua passa com geito...
Quando accorda sempre chóra
Como as creanças de peito.

Tão bonita, e não te casas!
Olha: o amor não morreu...
E' que te fias nas azas,
E vaes a casar ao ceu...

Olhos verdes, verdes olhos,
Fallam bem ao coração...
Olhos verdes, verdes olhos,
Lindos olhos que elles são.

Eu amei uns olhos verdes,
Olhos assim nunca eu vi...
Por esses olhos te perdes,
E eu por elles me perdi!...

Não chores, loirinha — canta,
Que o teu cantar insinúa!
Eleva a voz na garganta,
E poisa os olhos na lua...

As denominações ou divisas que tomam os ranchos de rapazes e raparigas que cantam pela cidade são por egual caracteristicas. Um é a *Flôr da mocidade*, outro o *Rancho das Pombas*, outro o *rancho alegre mocidade*.

Pena é comtudo que todas estas tradições percam a sua pureza primitiva. A cantiga escripta e estudada, e a musica com ensaios previos, ficam muito áquem da bella poesia espontanea, singela, do canto do barqueiro do Mondego e da lavadeira do Almégue. A costureira arrebicada nunca poderá attingir os encantos da gentil e despretenciosa tricana!

Laranjeiras, 1902.

Victor Ribeiro.

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

1896

Janeiro. Contrariamente ao que succedeu no anno anterior, prolongou-se a estiagem por todo o mez (12^{m},7 de chuva). O frio foi muito supportavel, (Em 10, max. 9°,3, em 11 7°,3, em 12 7°,7 e em 13 9°,9).

Fevereiro. Observou-se em todo o mez sómente cinco dias de chuva que produziram 65^{m},7. Calor normal.

Março. Um unico dia de chuva notavel em 21, com 28^{m},6 Bastantes dias de calor, em relação á epoca.

Abril. Predominou o calor e o bom tempo. Eis os dias de maxima, fóra do normal: Em 11 25°,3, em 12 26°,1, em 13 25°,8, em 17 25°,9, em 18 25°,8, em 19 26°,1, em 20 25°,7, em 21 27°,7, em 24 25°,7, em 25 25°,1, e em 27 25°,7, um unico dia de chuva em 22 (17^{mm}, 6).

Maio. Muito secco, mas pouco quente. A maxima thermometrica foi de 28°, em 24.

Junho. Algumas chuvas de 1 a 9 e em 13 e 14, com alguma intensidade. Fortes calores em 29 e 30

Julho. Bastantes dias de calor intenso. Dois dias de chuva que produziram 1^{mm},1.

Agosto. Muito quente, notando-se tres dias de chuva, sendo em 18, abundante (11^{mm},0).

Setembro. Quantidade minima de chuva, visto que em todo o mez, não excedeu (2^{mm},0). Temperatura sempre normal.

Outubro. Temperatura regular acompanhada de bom tempo, na primeira quinzena de outubro, mas chuvoso e frio durante a segunda. Em 27, a chuva foi de 51^{mm},8.

Novembro. A temperatura conservou-se baixa em relação ao normal. As chuvas escassearam.

Dezembro. Vinte e dois dias de chuva que produziram 195^{mm},2. Temperatura proxima da normal.

1897

Janeiro. Alguns frios de 2 a 4 de janeiro, com maximas eguaes a 8°,3, 7°,7 e 10°,3. Chuvas consideraveis de 5 a 24, sobretudo em 6 25^{mm},7, em 7 22^{mm},6, em 19 13^{mm},4 e em 20 27^{mm},8, novamente os frios accentuaram-se de 24 a 26, os quaes foram seguidos de alguma chuva desde 28.

Fevereiro. Mez muito secco. Cahiram em todo o mez 11^{mm},7 de chuva. Foram observadas temperaturas elevadas. Em 21 19°,0, em 22 20°,0 em 23 19°,1, em 24 17°,2 e em 25 e 26 18°,6.

Março. Chuvas de 2 a 7, com pouca intensidade, e importantes de 14 a 18 (em 16 55^{mm},2). Calores tropicaes de 20 a 27. (Em 20 max. 23°,9, em 21 24°,2, em 22 24°,9 em 23 18°,6, em 24 19°,8, em 25 24°,9, em 26 26°,9 e em 27 28°,3).

Abril. Muito secco, nenhum dia de chuva consideravel. A maxima thermometrica foi inferior á de março (24°,2).

Maio. Chuvas em 2 e 3, 12 e 13 e desde 21, mas com pouca intensidade Calor pouco sensivel.

Junho Extraordinariamente quente, attingindo o thermometro temperaturas muito superiores a 30°, durante oito dias (max. 37°,5).

Julho. Os calores foram muito sensiveis em todo o mez. Tres dias de chuva fraca (2^{mm},1).

Agosto. Excessivamente temperado, com um unico dia de maxima superior a 30,°. Exceptuando o anno de 1900, foi o agosto mais temperado de que se tem conhecimento. Um unico dia de chuva, em 30, que produziu 0^{mm},8.

Setembro. Alguns calores ainda se manifestaram em setembro. Em 5 a maxima attingiu 29°,1, em 6 31°,4 e em 7 30°,6, em 8, a maxima descia a 23°,1, em 9 a 22°,2, e em 10 a 21°,6. Já em 11, attingiu 25°,8, em 12 26°,1, em 13 26°,3, em 14 26°,9, descendo em 15 a 25°,5 e subindo em 16 a 27°,1, attingindo em 17 27°,0. Bruscamente, desceu em 18, até 20°,0 e em 19 a 18°,8, não excedendo 21°,2 em 20. Em 21, porem, subiu a 26°,0 e em 22 a 26°,2, em 23 a 27°,2 e em 24 a 27°,5. O calor manteve-se até 28 até quando algumas chuvas vieram pôr termo a esta calmaria.

Outubro. O calor tornou-se anormal durante a primeira decada de outubro com maximos quasi sempre superiores a 25°, o qual foi substituido por um pequeno periodo chuvoso de 12 a 19, e por um outro de maior intensidade a partir de 23. (Em 23 34^{mm},6, em 30 33^{mm},8 e em 31 36^{mm},6).

Novembro. Os primeiros dias d'este mez foram uma continuação do regimen de máu tempo iniciado nos fins de outubro. Em 1, o pluriametro accusou 67^{mm},7 com trovoada, em 2 31^{mm},7, em 3 14^{mm},5, e em 13 20^{mm},4. Bom tempo e altas pressões, em toda a segunda quinzena mas a temperatura conservou-se elevada.

Dezembro. Regularmente chuvoso e temperatura normal, um dia de chuva intensa em 24 (28^{mm},8) apresentando-se, no dia seguinte, o céu completamente limpo, com baixa importante na columna thermometrica.

(Continúa).

Antonio A. O. Machado.

METEOROLOGIA

Julho de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
11	757,1	27,5–18,0	Nublado	W	2,0
12	760,0	22,9–18,0	Alg. Nuvens	SSE	0,0
13	763,5	21,6–18,2	Nublado	SSW	0,0
14	765,7	22 7–17,8	P. Nublado	»	0,0
15	766,5	22,7–16,8	»	N	0,0
16	763,8	27,1–17,9	Alg. Nuvens	»	0,0
17	760,3	31,7–19,7	»	NE	0,0
18	759,6	29,3–22,5	Nublado	Calma	0,0
19	760,9	26,6–17,3	Alg. Nuvens	NW	0,0
20	762,1	21,9–17,0	»	N	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Tem continuado durante a desena, o tempo indeciso com vento variavel, a pressão tem soffrido variações um pouco bruscas para a quadra que estamos atravessando elevando-se desde 11 até 15 e baixando, em seguida, até 18, para ficar quasi estacionaria em 19 e 20. Com a mudança do vento para o quadrante N, em 16, elevou-se a temperatura. As maximas, no reino, foram, em 17: 38° em Campo Maior, 37° em Régoa, 35°,6 em Coimbra, 34° em Evora, 31°,7 em Lisboa, 31° em Lagos, e 30° no Porto e Faro.

No dia 17, durante a noite, formou-se uma trovoada, que produziu alguma chuva no Algarve, e durante o dia 18, em quasi todos os outros pontos do reino. Em Lisboa, apenas caiu um pequeno aguaceiro. Em 19 e 20, tempo proprio da estação e diminuição de temperatura.

O VÉO PRETO

I

Uma noite do mez de dezembro de 1881, ao darem dez horas, uma mulher, com o rosto coberto por denso véo, apresentou-se á porta da casa de um medico de Londres a solicitar com urgencia o seu auxilio para uma pessoa em transe de morte.

A desconhecida falava com um calor, com uma sinceridade, que desde logo commoveram o coração do homem de sciencia. Era moço, dava os primeiros passos na sua carreira; não tivera tempo ainda para contrahir essa insensibilidade que apaga toda commoção no pratico emerito, costumado a ver, a apalpar a dor, sob todas as suas formas.

Levantou-se com precipitação.

«Se a pessoa, de quem a sr.ª me fala, se acha em estado tão desesperado, como me dá a entender com as suas palavras, não podemos perder um momento. Estou prompto a seguil-a já. Porque não procurou mais cedo um medico?

«Porque mais cedo seria inutil; porque agora mesmo nada podemos fazer, replicou a desconhecida, pondo as mãos com desespero.

O doutor dirigiu um olhar profundo ao véo preto, que se conservava cahido; queria ver a expressão das feições que occultava, mas o espesso tecido impossibilitava toda observação.

«A senhora está doente, sem o saber, talvez, tornou o medico com voz affectuosa. A febre deu-lhe forças para resistir a agitações tão crueis, a tão dolorosas commoções, mas agora está a consumil-a. Beba isto (e encheu um copo de agua), socegue um pouco, e diga-me com sangue frio de que natureza é o mal que soffre a pessoa cuja saude tanto a inquieta; diga-me se ella está doente ha muito tempo. Logo que eu tenha reunido os dados sufficientes para que a minha visita produza algum resultado favoravel, serei todo seu.

A desconhecida levou o copo aos labios sem levantar o véo, retirou-o sem lhe tocar, e prorompeu em soluços.

«Sei que as minhas palavras parecem dictadas pelo delirio da febre; já outras pessoas m'o teem dicto com menos attenções que o sr. doutor. Não sou nova, e quanto mais do seu termo se approxima a existencia, mais cara e preciosa se torna; não obstante com gosto sacrificaria a vida n'este mundo, só porque o que lhe estou relatando não fosse tão rigorosamente exacto como é. O ente de quem falo estará ámanhã fóra do alcance da sciencia; sei isso, por mais illusões que busque fazer-me; e apesar de achar-se n'este momento em mãos da morte, não pode o sr. doutor vel-o, nem assistir-lhe em nada.

«Temeria augmentar-lhe a dor, discutindo com a senhora o que me diz, ou fazendo-lhe perguntas sobre um assumpto que parece querer occultar no mais profundo mysterio; mas permitta-me ao menos que lhe diga que, no que me está revelando, existem circumstancias de uma inverosimilhança que magoa, e se não conciliam bem com o que por outra parte estou vendo. Tracta-se, diz a senhora, de uma pessoa moribunda, que eu não posso ver já, embora este seja o momento propicio para remediar-lhe os males; receia que ámanhã seja tarde, e comtudo, não permitte que vá vel-a antes. Se a senhora quer tanto a essa pessoa, se esse desassocego, que as suas palavras e a sua agitação demonstram, é verdadeiro, porque não havemos de salvar a vida a essa pessoa antes que uma dilação funesta, antes que os progressos do mal façam desesperar do seu estado?

«Meu Deus! meu Deus! exclamou a desconhecida, vertendo um mar de lagrimas. Como queres que os extranhos acreditem o que a mim mesma me parece incrivel? Não quer ir vel-o, senhor doutor? accrescentou, levantando-se bruscamente.

«Não disse que a isso me negasse, mas advirto-lhe que se persiste em tão inexplicavel demora, se essa pessoa chega a morrer, pesa sobre a senhora uma responsabilidade terrivel.

«Sobre outros recahirá essa horrorosa responsabilidade, replicou ella com amargura. Quanto a mim, não ha nada em tudo isto por que não possa responder.

«O meu dever, a minha profissão, é prestar os auxilios da sciencia a todo e qualquer que d'elles necessite. Conformo-me com o que exige, por mais singular que seja. Irei ámanhã ver o doente, se a senhora me deixar a morada. A que horas?

«A's nove.

«Desculpe-me se lhe faço novas perguntas; são indispensaveis. Essa pessoa está a seu cuidado?

«Não, senhor.

«De nenhum modo pode assistir-lhe? Seriam inuteis as instrucções que lhe désse para cuidar d'ella esta noite? Nada n'este momento posso fazer que lhe seja proveitoso?

Vendo que não havia meio de tirar da desconhecida algo positivo, e desejoso de pôr termo a uma scena tão afflictiva, porque a dor da mysteriosa enluctada, duramente contida a principio, transbordava cada vez mais, reiterou o medico a sua promessa de ser pontual no dia seguinte, á hora indicada. A mulher deu-lhe os signaes de uma rua quasi desconhecida de Walworth, e retirou-se em silencio. Desappareceu nas trevas da noite, sem que o véo, que lhe cobria as feições, tivesse deixado entrever o minimo traço d'ellas.

(Continúa)

LICÇÕES SOBRE PHOTOGRAPHIA

XXXI

Para se poder escrever em branco sobre as provas, aconselhamos de preferencia a qualquer outro processo, o seguinte:

Preparemos a solução:

Iodeto de potassio	2gr.500
Agua	7cm3
Iodo	0gr.25
Gomma arabica	0gr,25

CAPITÃO DE MAR E GUERRA CONSELHEIRO ANTONIO DE BRISSAC DAS NEVES FERREIRA

FALLECIDO EM 5 DO CORRENTE

Quando o papel em que se desejar escrever, estiver bem secco, escolher-se-ha a sua parte mais escura, e n'ella se gravará os caracteres que se pretender. Apenas as letras se tornarem amarellas, immergiremos a prova n'um banho de fixagem qualquer, durante dois ou tres minutos, procedendo-se em seguida a uma lavagem, n'um jacto continuo de agua

XXXII

Eis um novo entoador e fixador, o qual se distingue de todos os outros, por não entrar na sua composição, o ouro o que, decerto, o torna muito mais economico.

A formula é a seguinte:

Agua distillada	1.150 gr.
Carbonato de soda	7 »
Acetato de chumbo	14 »
Hypposulphito de soda	170 »

Por meio d'este banho, obtemos um tom variando do castanho ao negro, devendo a prova ser immersa no banho, sem se effectuar lavagem alguma, e além d'isso, ser nitidamente impressa.

NECROLOGIA

JOÃO ANTONIO DE BRISSAC DAS NEVES FERREIRA

Um telegramma do Funchal transmittiu a triste noticia de ter fallecido, no dia 5 do corrente, o capitão de mar e guerra conselheiro Neves Ferreira, que ali estava de passagem.

Esta noticia surprehendeu a todos porque o conselheiro Neves Ferreira estava na força da vida, quando ainda a sua robusta organisação pouco alem ia de 56 annos, pois nascêra a 28 de fevereiro de 1846.

Official da armada dos mais distinctos, os seus serviços foram largamente aproveitados pelos governos, em varias commissões que desempenhou, e foram ellas:

Governador geral de Moçambique e da India e governador civil do Porto depois da revolta de 31 de janeiro de 1891. Ministro da marinha e do ultramar de 1893 a 1895, além de muitas commissões de commando. De todas se desempenhou com intelligencia e brio, valendo-lhe algumas distincções honorificas, entre outras as de commendador das ordens da Torre e Espada, de S. Thiago e de Aviz, a Gran-cruz de Merito Naval de Hespanha.

Era ajudante de campo honorario de Sua Magestade El-Rei D. Carlos.